

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO BOLSISTA E DO ALUNO VOLUNTÁRIO DO PIBIC/CNPq - UFPE

(Refere-se às atividades realizadas no período de agosto 2019 a julho 2020)

IDENTIFICAÇÃO

Nome do Orientador: Rosiane Maria Soares da Silva Xypas.

Nome do Aluno: Milena da Costa Berset

Título do Projeto: Representações sociais do amor da mulher na Idade Média Francesa em *Laisdos Bretões* e *Laisde Maria de França*

RESUMO DO TRABALHO

Este projeto se direcionou a sugerir o estudo do gênero Lai como uma introdução aos conteúdos medievais da disciplina Literatura Medieval e século XVI, do curso de Letras Francês da UFPE, tendo em vista sua acessível composição aos estudantes. O Amor Cortês e suas regras, temática principal do lai, influenciaram nosso imaginário ocidental acerca dos relacionamentos amorosos e proporcionaram, ao longo de gerações de leitores, estereótipos sobre a cultura francesa existentes até os dias atuais. Utilizando-nos dos sistemas de *Objetificação* e *Ancoragem* de Jodelet e Moscovic (1984) e do conceito de *Amor-Paixão* de Rougemont (1988) procuramos identificar quais representações sociais do amor feminino na Idade Média retratavam os lais e quais as possíveis implicações dessas representações no ensino da literatura francesa. A partir da leitura e análise dos anônimos lais dos bretões e dos lais de Maria de França, ambos divulgados no século XII, elaboramos uma proposta didática cujas questões, baseadas na compreensão de leitura de Giasson (1990), permitissem um aprofundamento subjetivo de interpretação textual pelo aluno. Visando uma melhor apropriação literária dos estudantes com os lais, dedicamo-nos também a efetivar em nossa proposta didática, as etapas de leituras de textos literários concebidas por Cuq e Gruca (2017). Pensamos que esta pesquisa poderá contribuir para aumentar as alternativas de obras literárias referentes à época medieval, bem como, apresentar aos discentes e futuros docentes que nossas representações atuais sobre uma França romanticamente idealizada pode ser oriunda das práticas cortesãs que se perpetuaram através dos séculos.

Palavras-chave: Literatura Medieval, Lai, Representações Sociais, Didática da Literatura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
OBJETIVOS.....	3
METODOLOGIA DO TRABALHO.....	3
Seleção do Corpus	3
Revisão da literatura.....	4
RESULTADOS E DISCUSSÃO	6
A análise quanti-qualitativa.....	6
PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA DOS LAIS	9
CONCLUSÕES.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15
DIFICULDADES ENCONTRADAS	16
ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELO ALUNO	16

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos os componentes curriculares das disciplinas de Literatura do curso de Letras Francês Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nos deparamos com a grande utilização de obras canônicas, para estudo e leituras. Tal seleção, sobretudo no que se refere aos séculos mais antigos, como a época medieval, promove certa estranheza linguística e estilística nos alunos em formação acadêmica. Em tanto que futuros professores de francês língua estrangeira (doravante FLE), necessitam conhecer a fundo as referências literárias e a historicidade da Idade Média, importante período de desenvolvimento cultural francês. Diante desse panorama, compreendemos que iniciar o ensino da literatura medieval por um gênero que ative a memória literária¹ do aluno, ou seja, seu conhecimento de mundo literário facilita sua percepção sobre o medievo, preparando-o para gêneros medievais considerados mais difíceis. Assim sendo, sugerimos o gênero Lai, cuja composição ora se assemelha à Poesia, ora ao Conto, tendo como principal temática os valores do Amor Cortês.

Essas regras do amor medieval, difundidas em toda a Europa através das cortes Occitanas², influenciaram nosso imaginário ocidental sobre as relações amorosas, configurando estereótipos afetivos, sobretudo no que se refere à cultura francesa. A fim de conciliar o ensino de literatura medieval e a origem das narrativas românticas francesas, propomos através dessa pesquisa um estudo sobre quais representações acerca do amor feminino os lais apresentam aos leitores e quais suas possíveis implicações no ensino do FLE. Para tanto, utilizamo-nos dos sistemas de *Objetificação* e *Ancoragem* apontados por Denise Jodelete e Serge Moscovic (1984), do conceito de *Amor-paixão* apresentado por Denis de Rougemont (1988), além de sugerirmos uma proposta didática que contempla as etapas de leitura de Cuq e Gruca (2017) com questões que envolvem a subjetividade do leitor e seu conhecimento de mundo, como recomendado por Jocelyne Giasson (1990).

OBJETIVOS

Este projeto de pesquisa teve como objetivo principal investigar as representações sociais do amor feminino na Idade Média Francesa através das obras *Lais dos Bretões* (ANÔNIMO, séc. XII) e *Lais de Maria de França* (séc. XII). Como objetivos específicos, procuramos estudar as teorias acerca do gênero lai e de como o amor cortês, por ele representado, ajudou a ancorar o imaginário amoroso medieval. Compreendendo que a literatura retrata e eterniza a cultura de uma época, abarcamos também como objetivo específico propor atividades para o ensino do lai nas classes de FLE a fim de ampliar a percepção do aluno acerca da França Medieval. Este projeto teve como meta, no primeiro semestre, demonstrar através das leituras teóricas e literárias, quais personificações amorosas os autores destinavam às personagens femininas contidas nos lais e, no segundo semestre, identificar quais definições amorosas a literatura ocidental herdou da Idade Média, bem como a realização de uma proposta didática para os alunos da disciplina Literatura Medieval e Século XVI, do curso de Letras Francês da UFPE.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Seleção do Corpus

¹ Não tratamos aqui do gênero Memória Literária, no qual o autor/leitor escreve e revive suas lembranças. Mas a memória literária que o sujeito leitor tem sobre o gênero literário trabalhado ou outros com os quais ele o associe.

² Localizadas no sul da França e no noroeste da Espanha (País Basco e Catalunha)

Demos início à pesquisa compreendendo primeiramente o que vem a ser o gênero Lai. Segundo nossas leituras, o lai, surgido na baixa Idade Média, é uma variedade literária que suscita divergências etimológicas e textuais entre críticos literários, historiadores e pesquisadores. Constatamos em nossos estudos que a terminologia “lai” está relacionada com a musicalidade poética e divide-se entre o lai lírico, poema-canção de 12 estrofes heterométricas de versos curtos e de temática melancólica, e o lai narrativo, baseado nas fábulas bretãs e nas lendas arturianas, cuja estrutura textual assemelha-se ao conto. Tais lais narrativos utilizam-se de elementos mitológicos e culturais celtas da Bretanha Insular (atual Inglaterra) e da Bretanha Armórica (Atual noroeste da França), denominados de *Matéria da Bretanha*.

Uma vez compreendido o gênero lai, passamos à escolha do *corpus*, no qual delimitamos trabalhar com o lai narrativo através das obras *Lais dos Bretões*(2013) e *Lais de Maria de França*(2001), os quais introduzem na literatura o conceito do Amor Cortês. Ressaltamos que o estudo das duas obras conjuntamente faz-se necessário visto que tais aventuras amorosas eram narradas oralmente pelos bretões, posteriormente transformadas em lais pelos trovadores, que por sua vez foram reapropriados e popularizados pela escritora Maria de França. Seleccionadas as obras, lemos e analisamos os 11 lais contidos no *Lais dos Bretões*(2013) e os 12 lais que integram o *Lais de Maria de França*(2001). No segundo momento, fizemos um levantamento quanti-qualitativo no tocante aos espaços geográficos, distinção entre as personagens femininas, sentimentos/qualidades e enamoramentos, a fim de observar semelhanças e diferenças entre as obras literárias em questão. Para a proposta didática, destinamos 5 lais - “Desiré” e “Guingamor”(Lais dos Bretões, 2013), “Eliduc”, “Dois Amantes” e “Yonec”(Lais de Maria de França, 2001) - para estudo em sala de aula, que classificamos³ como pertencentes ao amor maravilhoso⁴, ao amor mítico-religioso e ao amor mortal.

Revisão da literatura

De acordo com Rosenfield (1992), a Idade Média foi um período marcado por contradições de aspectos político, religioso, artístico e social que influenciaram a forma como concebemos alguns conceitos abstratos, dentre eles, o Amor, tema universal da literatura até os dias atuais. Em sua análise histórica, a autora observa que a literatura amorosa foi utilizada como uma arma sócio-política pela Nobreza e pela Igreja que lutavam entre si pela dominação ideológica da sociedade: por um lado o sensualismo pagão de *Eros*, por outro, a ternura espiritual cristã do *Ágape*.

Segundo Rosenfield (1992), na época carolíngia dos séculos IX e X, a união amorosa dava-se de duas maneiras distintas. Aos senhores de terras, soberanos, chefes de tribos ou primogênitos, o casamento era uma forma de contrato na qual as famílias negociavam dinheiro (dote) e poder (hierarquia) através da união de seus herdeiros. Entretanto, aos demais filhos homens, excluídos dessa responsabilidade social e financeira, restavam as aventuras heróicas, a busca pela própria riqueza e a conquista informal das amantes, que incluía raptos, estupros e concubinação. Para a autora, isso representava a dicotomia da “lógica da posse” *versus* a “conquista selvagem” (ROSENFELD, 1992, p. 22).

Conforme Rosenfield (1992), com a influência da Igreja nos séculos XI e XII, os antigos hábitos de mancebia e rompimento de contratos matrimoniais por infertilidade ou casamentos mais vantajosos financeiramente, foram sendo substituídos pela visão de união

³ Distinguimos esses três modelos de amor ocidental, utilizando-nos dos exemplos mencionados por Rougemont (1988) sobre a herança amorosa no ocidente, embora saibamos ser a temática do Amor bem mais abrangente.

⁴Entendemos por maravilhoso os amores cujas relações se dão entre personagens terrenos e personagens de outra realidade.

sacra, sem prazer físico ou material. A dimensão carnal era gradativamente alterada para um aspecto idealizado e místico, em uma sociedade cada vez mais hostil à figura feminina comum e em exaltação crescente ao culto da Virgem Maria. É nesse ambiente contraditório que surgem as figuras do trovador, do cavaleiro e sua dama, e “as representações do amor não-satisfeito e impossível (...) na qual *amor* e *morte* estão intimamente associados” (ROSENFELD, 1992, p.26).

Ainda segundo a autora, é a partir da criação dessas figuras amorosas que começa “um processo extremamente lento de transformação durante o qual nasce nossa sensibilidade moderna, isto é, uma consciência que concebe o amor como realidade complexa, oscilando entre (...) a necessidade fisiológica e a dedicação altruísta” (ROSENFELD, 1992, p.21). Tal conceito também é partilhado por Pretto e al (2009) que nos informam que a idealização do amor continua a influenciar a sociedade através das figuras da Boa Esposa/Bom Marido, pertencentes a normas e regras que fazem da relação amorosa um fim em si mesmo. A concepção do “amor incondicional, que tudo suporta, tudo releva, é sacrifício, abdicação e dedicação”, concebe-se “na negação da totalidade do ser humano”: o homem só existe porque ele ama. (PRETTO e al, 2009, p.396)

De acordo com Rougemont (1988), o mito do Amor-paixão é o nosso legado ocidental. Enquanto tema universal da literatura, o amor surge nas primeiras histórias transmitidas oralmente, como um sentimento sensual e divino que exaltava a vida e a fertilidade. Como força da natureza, tal amor bravio, era desprovido de regras definidas e refletia os costumes sociais das tribos bárbaras e povos antigos. Para estas sociedades, a conjunção carnal entre homens, deuses, seres mágicos ou amorfos representava força, poder e dons maravilhosos. A partir do surgimento das religiões monoteístas, tais narrativas ganham um aspecto mais mistificado e desconhecido.

Conforme o aumento do Cristianismo e da força sócio-política da Igreja, a sociedade altera seus costumes instituindo regras comportamentais, sobretudo nas relações pessoais, como a sacralidade do casamento e a fidelidade conjugal. Tais mudanças geraram um conflito sócio-amoroso cuja consequência será a criação da noção do “desejo proibido”, originando o Amor-paixão, um amor pleno de obstáculos e separações. Para Rougemont (1988), tal conceito, fruto da união do paganismo natural com o místico cristão, originará o Amor Cortês e posteriormente, a relação entre Amor e Morte.

O autor afirma igualmente que “o mito sagrado do amor cortês do século XII tinha por função social ordenar e purificar as forças anárquicas da paixão” (1988, p. 199) em resposta aos conflitos da Alma *versus* Corpo de uma sociedade ainda pagã em muitos costumes, cuja influência celta impulsionava “um amor sensual que afirmava o orgulho de viver” (1988, p. 39). Para Rougemont (1988) essa incompatibilidade moral alimentou a visão do adultério sofrido e condenado, enaltecido pelo Romantismo do século XIX e disseminado pela literatura da época. O autor vai mais além, segundo ele, por mais modernas que sejam as relações atuais, as “leis” do amor cortês ainda existem atualmente, porém sob uma ótica difusa. Do ocidente passional criado pela Idade Média, até o presente, as pessoas são educadas para o casamento (e seus hábitos) ao mesmo tempo em que vivem imersas no mito do amor-paixão: “a paixão é a experiência suprema que todo homem deve um dia conhecer e somente aqueles que passam por ela, poderão viver a vida em sua plenitude” (ROUGEMONT, 1988, p.229).

As teorias argumentadas pelos autores acima entram em concordância com a teoria das representações sociais de Jodelet (1984). De acordo com a psicóloga social, a humanidade é concebida por sujeitos sociais que na idade adulta se inscrevem em situações sociais e culturais definidas. Enquanto sociedade, essas situações são preenchidas por “valores, tradições e normas” (JODELET, 2015, p.27), que reproduzimos diariamente em nosso

cotidiano, formando um pensamento social aceito pelas comunidades nas quais vivemos. Partindo do pressuposto de que toda representação social é uma visão coletiva e/ou individual que temos sobre alguém ou sobre algo, a autora propõe dois sistemas de formação de representações desenvolvidos pelo psicólogo social Serge Moscovici nos anos 1980: os sistemas de *Objetificação* e *Ancoragem*.

Na *Objetificação*, a representação social torna-se indissociável entre o objeto e o conceito, surgindo dessa forma o que chamamos de clichês e as fórmulas que sintetizam uma imagem não-familiar em uma imagem distinta. Jodelet (1984) classifica a objetificação em três fases: 1. a seleção e a descontextualização das informações sobre tal objeto; 2. a formação de uma estrutura imaginária, realizada no nível consciente e inconsciente; 3. a naturalização dessa imagem que permite que ela tome forma na sociedade. No sistema de *Ancoragem*, classificamos e estipulamos regras sociais a esse imaginário criado na objetificação. É nesse sistema que algo geral torna-se distinto. Através da *Ancoragem*, o Amor, visto como um sentimento natural torna-se um objeto a ser reverenciado e alcançado pelos ideais difundidos na *Objetificação*.

Ainda de acordo com a psicóloga, o mecanismo da ancoragem também possui fases distintas: a ancoragem de significação de sentido na qual propomos uma hierarquia de valores para a imagem objetificada; a ancoragem como instrumentalização do saber, que permite compreender como os elementos da representação circulam na sociedade; a cristalização da ancoragem, que cria um sistema de orientação e de realidade da objetificação de algo ou alguém; a ancoragem como enraizamento do pensamento social, o que familiariza algo considerado estranho em algo estabelecido na sociedade, gerando problemas tais como, o preconceito, o senso comum e a vulgarização. Enfim, Jodelet (1984, p. 66) afirma que “as representações comportam sempre algo do social e tornam-se categorias da linguagem”.

Essas categorias, segundo a autora, sempre representarão um objeto, sempre darão um caráter imaginário ao objeto, se tornarão um conceito simbólico, representativo, construtivo, autônomo e criativo, que regem a forma como conceituamos as ideias e classificamos tudo ao nosso redor, criando opiniões/morais cristalizadas socialmente. Deste modo, os sistemas de *Objetificação* e *Ancoragem* são detectados nos lais estudados, uma vez que no *Lais dos Bretões* (2013), mais antigo e oriundo das canções folclóricas, o amor era visto como um sentimento a ser conquistado e/ou merecido através de ações heróicas, ao mesmo tempo em que era tangível ao cavaleiro adentrar no mundo maravilhoso. Tais representações são vistas até hoje por intermédio, por exemplo, do gênero Conto de fadas. Entretanto, no *Lais de Maria de França* (2001), fortemente influenciada pela vida regrada da corte e pela religião, a representação do amor faz-se através da expiação e da redenção

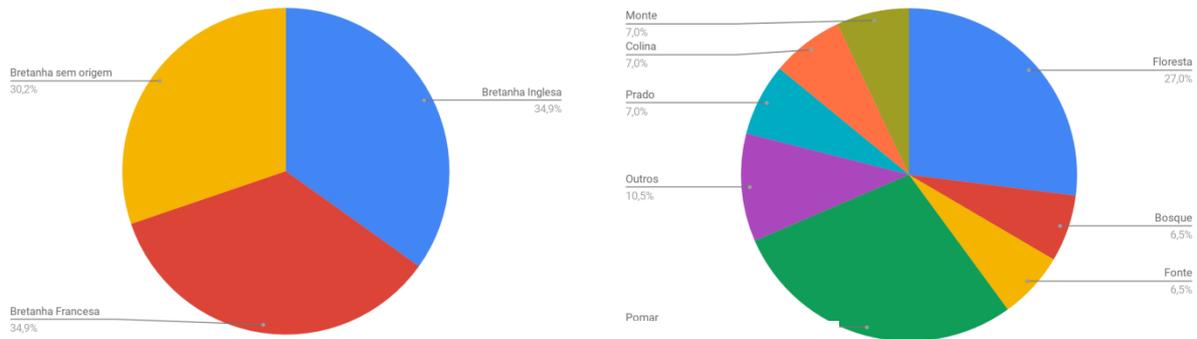
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise quanti-qualitativa.

Em um primeiro momento, após a leitura e análise dos 23 lais que compõem o nosso *corpus*, identificamos e destacamos a incidência de espaços geográficos externos e internos contidos nos lais, como também a representação das mulheres pelos autores e os enamoramentos entre os amantes. Ressaltamos que as narrativas são intituladas como: “Desiré”, “Tyolet”, “Guingamor”, “Espinheiro”, “Doon”, “Tydorel”, “Graelent”, “Melion”, “Nabaret”, “Trote” e “Passarinho” (anônimos); “Guigemar”, “Equitan”, “Freixo”, “Homem-lobo”, “Lanval”, “Dois Amantes”, “Yonec”, “Rouxinol”, “Milun”, “O infortunado”, “Madressilva” e “Eliduc”, escritos por Maria de França no século XII.

Os gráficos abaixo representam o total de 100% dos espaços específicos onde ocorrem as narrativas. Destes 100%, temos 34,9% dos lais ambientados tanto na Bretanha Inglesa

quanto na Bretanha Francesa. Observamos através de nossas leituras comparadas que para Maria de França, a visão do ser amado dá-se em locais ligados ao ambiente doméstico como pomares, jardins ou dormitórios, uma vez que para a poetisa, as damas viviam limitadas ao lar, no total de 28% de encontros no pomar. Em oposição, os lais mais antigos e livres da influência católica, apresentam em 27% as florestas como ponto de encontro entre as damas e seus cavaleiros. É também na floresta que são encontrados os castelos mágicos, os animais encantados ou “inacessíveis” ao homem comum, bem como as clareiras, fontes e rios, que exercem uma influência direta no encontro entre os amantes.



Gráficos 1 e 2. Fonte: Milena Berset

As mulheres representam um dos elementos mais importante dos lais. Observamos que assim como os lugares dos encontros, as mulheres do *Lais dos Bretões* (2013) e do *Lais de Maria de França* (2001) apresentam formas distintas. No primeiro, as mulheres são classificadas em Damas da corte e Damas misteriosas. Em nossa análise quantitativa do citado livro, observamos que as mulheres misteriosas não possuem uma origem definida, contudo, alguns indícios suscitados nas narrativas nos inferem que elas pertençam a um mundo outro que não o original do cavaleiro. Em *Lais de Maria de França* (2001), apenas no lai “Lanval”, a poetisa apresenta uma Dama misteriosa representada como uma fada. Nos outros, todas as outras personagens femininas são pertencentes ao mundo terreno, mesmo que vivam aventuras de cunho maravilhoso.

No gráfico abaixo, podemos observar que Damas nobres apresentam sentimentos mais intensos como amor, ciúme, ódio e vingança. Em relação às outras Damas, classificadas por nós como misteriosas, elas demonstram sentimentos de altruísmo e amor genuíno, porém com condições que os cavaleiros devem superar.

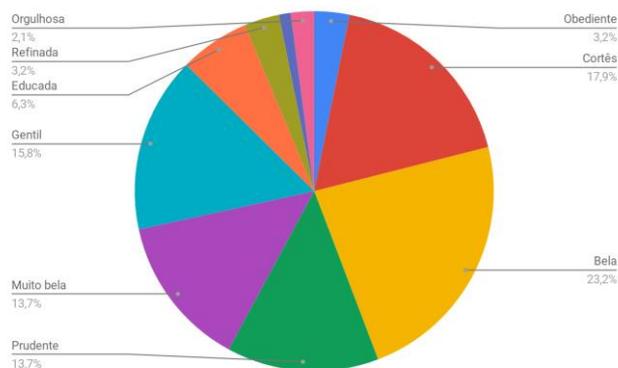


Gráfico 3. Fonte: Milena Berset.

Constatamos que dos doze lais de Maria de França, cinco apresentam damas casadas que se enamoram de outros homens (“Guigemar”, “Equitan”, “Yonec”, “Rouxinol” e “Madressilva”). Os maridos traídos são descritos como velhos ou ciumentos, no qual apenas no lai “Equitan”, o nobre tem bom coração. Ressaltamos igualmente que o amor nos *Lais de*

Maria de França (2001) tende para o sofrimento com a incidência de alguns finais infelizes ou morte dos enamorados. No *Lais dos Bretões* (2013) a incidência de final feliz é maior, num total de 6 finais felizes: 3 no mundo real e 3 no mundo mágico. O sofrimento da Dama nobre acontece em quatro deles: “Desiré”, “Graelent”, “Guingamor” e “Doon”.

Ressaltamos ainda que nos 23 lais estudados, o amor nasce apenas no avistar o amado ou da simples menção de seus feitos e aventuras, sendo uma proporção de 46% para o amor cortês masculino, no qual o cavaleiro é quem corteja a dama. No *Lais dos Bretões* (2013), encontramos outros tipos de enamoramentos, tais como: os cavaleiros se apaixonam por suas Damas, depois de vê-las desnudas ou dormindo; no lai “Doon”, a rainha se enamora ao ser vencida em esperteza pelo pretendente e no lai “Espinho” o amor nasce naturalmente do convívio entre os pares.

Compreendemos através de nossas análises que existem dois tipos de amor na Idade Média: um amor cortês mais sensual e selvagem, de forte influência celta e com a presença de seres místicos, que compõem os *Lais dos Bretões* (2013) e o amor cortês de Maria de França, cuja interferência cristã concebeu lais mais sociais, com poucos indícios do maravilhoso, no qual a união/desunião entre os amantes é uma forma de redenção espiritual. A morte, no *Lais de Maria de França* (2013), é vista como algo necessário para que o “amor verdadeiro” possa ser vivenciado sem culpa. Ressaltamos que tais lais, que alcançaram maior notoriedade fora da França, retratam com maior verossimilhança a sociedade medieval e misógina do século XII, na qual a esposa infiel era merecedora do sofrimento amoroso. Apesar de a autora retratá-las como “mal-casadas”, poucas foram as que encontraram um final feliz. A violência doméstica também é retratada por Maria de França, enquanto que os lais anônimos nos oferecem um ambiente mais festivo.

O amor descrito nos lais é fruto de uma construção social e idealizada do “amor cortês” próprio da época medieval e difundida entre os nobres europeus, principalmente os franceses e ingleses. O amor medieval e conseqüentemente, cortês, é a semente do amor romântico que conhecemos hoje, como bem afirmam os teóricos anteriormente citados. Os lais analisados apresentam características próprias à sua época e retratam direta ou indiretamente as dicotomias conflituosas da Idade Média. Utilizados pelos trovadores e escritores, os lais serviam como instrumentos para a educação moral da nobreza e posteriormente, da plebe. Tendo em vista que essas narrativas eram passadas de geração em geração, ressaltamos que sua influência repercute até os dias atuais através de idealizações românticas que observamos na cultura literária e cinematográfica, teorias defendidas por Pretto e al (2009) e Rougemont (1988). A presença de resquícios do Amor Cortês em nossa sociedade indica ser resultado da cristalização do “amor ideal” no decorrer dos séculos, através dos sistemas de Objetificação/Ancoragem propostos por Serge Moscovici e Denise Jodelet (1984, 2015).

Para a elaboração da proposta didática a partir dos lais escolhidos, postulamos igualmente, que a cristalização romântica nos estudantes acerca da aura francesa de paixão e sedução tais como, o francês amoroso e gentil, Paris a cidade do amor, “beijo francês”, entre outros, façam parte das representações da língua-cultura francesa. Tendo em vista essas representações, procuramos compreender mediante a proposta pedagógica, se tais estereótipos podem ser oriundos da ancoragem do Amor Cortês perpetuada até os dias atuais e quais representações do amor feminino os estudantes identificam em suas leituras dos lais propostos.

PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA DOS LAIS

De acordo com Cuq e Gruca (2017), o ato de leitura pode ser dividido em duas partes, igualmente importantes, que visam uma melhor recepção/apropriação literária pelo aluno. A primeira, chamada de pré-leitura que permite ao leitor criar um horizonte de expectativas sobre a leitura a ser feita através da capa, contracapa, título, gênero. Segundo estes autores, nessa etapa, o professor conduz dinamicamente o interesse dos alunos por meio de um *remue-ménige*⁵ na intenção de estimular a formação de hipóteses que serão confirmadas ou não, no processo da leitura em si.

A segunda é favorecida pelo primeiro contato com o texto, que permite ao aluno construir um sentido inicial a respeito do tema, gênero, época, e, nesta, se encontra dois níveis de leitura: o Global, na qual o leitor “compreende a globalidade do texto e inicia uma compreensão mais profunda” (CUQ e GRUCA, 2017, p. 385) e o Aprofundado, uma compreensão detalhada na qual o leitor relaciona o texto lido, suas leituras anteriores sobre o tema e sua visão de mundo. De acordo ainda com estes autores, na leitura global, o leitor é capaz de reconhecer o modelo actancial⁶ composto de situação inicial, elemento perturbador, processo de transformação, elementos de resolução, situação final, e as questões situacionais: *Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?* que exploram o texto lido e ampliam as hipóteses abordadas anteriormente pela pré-leitura.

Posteriormente ao ato de leitura, a didática da literatura propõe exercícios que visam analisar o nível de apropriação literária do texto pelo aluno. Entretanto, muitas atividades contidas nos livros didáticos em língua francesa⁷ ou em coleções de ensino literário, como a *Littérature Progressive du Français*⁸, demandam apenas um nível superficial de interpretação textual, o que Giasson (1990) classifica como “*Juste là*” (no texto) e “*Pense et cherche*” (Pense e procure), questões com respostas evidentes e já previstas pelos autores das questões. A fim de propor uma maior reflexão a respeito de como os autores didáticos exploram o universo das questões/respostas, Jocelyne Giasson elabora um quadro evolutivo de perguntas que vão desde as pseudo-perguntas, diretas e conclusivas, às perguntas cuja respostas requerem um nível de reflexão maior e subjetivo do leitor.

A autora reconhece, através das teorias de Smith e Barrett (1974 apud GIASSON, 1990) e de Pearson e Johnson (1978 apud GIASSON, 1990), que para uma melhor compreensão da leitura é preciso que haja uma relação entre a cognição dos leitores e as questões propostas pelos textos. Essa relação compreende cinco níveis de classificação: relação explícita e textual (compreensão literal), relação implícita e textual (compreensão interpretativa), relação implícita e fundada nos esquemas do leitor, intromissão do texto na relação e intromissão do leitor na relação (compreensões críticas). Similarmente a essas identificações de perguntas/respostas, Giasson (1990) através do esquema de Raphael (1986 apud GIASSON, 1990), sugere que se somem a elas, duas categorias de respostas, as que se acham diretamente no texto lido e as que provêm do universo do leitor, denominadas de “*l’auteur et toi*” (o autor e você) e “*toi seulement*” (apenas você).

Assim, compreendendo os benefícios de tais teorias para a didática da literatura e visando um aprofundamento reflexivo-literário de nossos alunos e futuros professores de FLE, elaboramos questões sobre a representação social do amor feminino medieval contido nos antigos lais, utilizando-nos das etapas de leitura de Cuq e Gruca (2017) e das

⁵Debate de ideias (tradução nossa).

⁶A.J Greimas. *Sémantique structurale: recherche et méthode*, Larousse, 1966.

⁷Análises feitas durante a disciplina Metodologia III: Ensino de Literatura (LE1019/UFPE) nos livros didáticos *Tout Va bien 2* (CLE International, 2005), *Écho B1* (CLE International, 2010) e *Cosmopolite 1* (Hachette, 2017).

⁸ CLE International, 2013. Níveis debutante, intermediário e avançado.

questões/respostas de compreensão crítica *o autor e você* e *apenas você* elucidadas por Giasson (1990).

a) Pré-leitura

Nesta etapa, selecionamos seis imagens correspondentes aos conteúdos dos lais que serão trabalhados em sala de aula. O objetivo é que os alunos levantem hipóteses sobre os futuros textos a serem lidos a partir das imagens apresentadas. Assim, ler imagens de acordo com Bauer e Gaskell (2002) é polissêmico, pois a imagem auxilia o processo interpretativo, gerando um sentido que vai de acordo com o conhecimento de mundo prévio do leitor. Diante de tal afirmativa e da compreensão dos alunos sobre o contexto da Idade Média, indaga-se a respeito das figuras femininas de cada imagem, das cores que as compõem, dos elementos que identificam o medieval, da possível temática que a imagem retrata, entre outras. A sondagem das hipóteses em sala de aula faz-se necessário, pois são através delas que podemos captar novos leitores e despertar seu interesse para a leitura a ser feita, gerando expectativas que serão confirmadas (ou não) pelas leituras Global e Aprofundada. Também é nessa fase que podemos dissipar possíveis estereótipos dos estudantes acerca da temática, do gênero, do idioma, do cultural. Vale ressaltar que embora nesta pesquisa não tenha sido prevista o estudo de leitura de imagens, contamos com o conhecimento prévio dos estudantes para desenvolver as atividades da pré-leitura propostas. As questões envolvem a leitura de imagem, uma vez que os lais escolhidos são nomeados apenas com o nome do personagem masculino e não possuem capas.

1. Observe cada imagem e emita hipóteses sobre o possível conteúdo de cada lai a ser lido posteriormente. Escreva abaixo de cada imagem, sua hipótese.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6

Imagem 1: -----

Imagem 2: -----

Imagem 3: -----

Imagem 4: -----

Imagem 5: -----

Imagem 6: -----

b) Leitura

Optamos por trabalhar na sala de aula, o nível global de leitura ante o tempo médio de cada aula com o objetivo de que o aluno possa confirmar suas primeiras hipóteses, inferências e descobertas iniciais sobre os lais. O interesse é que eles possam compartilhá-las com os demais colegas de maneira a promover uma troca de ideias ou debate sobre o tema. A leitura aprofundada dos seis lais escolhidos para a proposta didática será realizada extraclasse pelo aluno de acordo com o seu tempo e preferência de leitura. Faz-se necessário entender que a proposta didática visa à leitura completa de cada lai escolhido. No entanto, para melhor situar o leitor desta pesquisa, sintetizamos globalmente os lais didatizados.

Lai 1: Desiré é um nobre cavaleiro que ao adentrar uma floresta encontra uma bela donzela e oferece-lhe seu amor. Em troca, a amada lhe presenteia com um anel mágico pelo qual desiré poderia sempre encontrá-la. No entanto, tal amor deveria permanecer sempre em segredo sob o risco de quebrar o encanto. Ao confessar-se a um padre, o anel de Desiré desaparece, causando-lhe grande sofrimento. À beira da morte, Desiré é perdoado parcialmente e torna a ver a amada, mas sem poder tocá-la. Já com a idade avançada, o cavaleiro é perdoado totalmente, conhece os filhos e casa-se com a Dama, indo morar em sua terra mágica. (“Desiré”, *Lais dos Bretões*, 2013)

Lai 2: A rainha da Bretanha se apaixona pelo sobrinho do rei, o cavaleiro Guingamor. Diante da recusa do amado em se tornar seu amante, a rainha, humilhada e temendo a reação do rei, incentiva uma caça mortal ao Javali Branco que habitava a floresta do reino. Para afastar-se da ira da rainha, Guingamor aceita o desafio. Caçando, o cavaleiro encontra um rico castelo e em seus arredores uma fonte na qual uma linda Dama banhava-se. Ao perceber a presença de Guingamor, esta lhe oferece um acordo: passar três noites com ela em troca da cabeça do javali. O cavaleiro então se enamora e desfruta de todo o reino mágico. No fim do prazo, o cavaleiro retorna ao seu reino com a advertência de não comer e nem beber nada de sua antiga morada. Entretanto, ao notar que em seu mundo já se haviam passado trezentos anos, Guingamor entristecido, é tomado pela fome e come três maçãs, envelhecendo em seguida. (“Guingamor”, *Lais dos Bretões*, 2013)

Lai 3: Um rei que amava muito a sua filha não permitia que ela se casasse. Afim de evitar o mau julgamento do feudo, elabora uma prova de resistência ao futuro marido: subir uma montanha com a princesa nos braços. A princesa, apaixonada pelo valete do rei, solicita que ele tome uma poção mágica dada por uma parente para que fique forte no dia da prova. Entretanto, empolgado por ter a princesa em seus braços, esquece-se de tomar a poção e

morre de fadiga. Ao ver o amado morto, a princesa derrama a poção na montanha e morre em seguida. (“Dois amantes”, *Lais de Maria de França*, 2001)

Lai 4: Uma jovem donzela é dada em casamento a um velho rico que a tranca em uma torre. Ao pedir a Deus por um amor que a salve, é visitada por um cavaleiro mágico que se transforma em pássaro para visitá-la. Ao descobrir a traição, o marido fere mortalmente o pássaro, que foge com a amada, porém acaba falecendo. A dama, então grávida, retorna para a torre onde vive trancada até a maioridade de seu filho. Convidados a uma festa, a família descobre que o reino no qual estão é o antigo reino do cavaleiro e que os aldeões aguardam o príncipe herdeiro. Ao escutar tal narrativa, a dama relata todo o sofrimento pelo qual passou ao filho, visita o túmulo amado e morre. O filho e agora, príncipe, mata o padrasto e assume todo o reino. (“Yonec”, *Lais de Maria de França*, 2001)

Lai 5: Eliduc é um nobre que, ao ser vítima de uma mentira, resolve partir para outro reino, deixando suas terras e sua esposa. Ao servir ao novo rei, apaixona-se pela princesa e por ela é correspondido. O antigo rei, ao descobrir a verdade dos fatos, ordena que volte ao seu reinado Eliduc, que já não ama mais sua esposa. Sofrendo, o nobre parte para o outro reino para novamente ver a princesa, que resolve segui-lo, incomodando os vassalos que eram fiéis para com a esposa do nobre. Ao descobrir que seu amado já era casado, a princesa desfalece e não acorda mais. O nobre então resolve construir um mausoléu para a amada, visitando-a todos os dias. Desconfiada do comportamento do marido, a esposa manda um valete segui-lo e descobre a existência da princesa. Comovida com o sofrimento do marido, a dama ressuscita a princesa através de uma poção mágica, renuncia aos seus direitos matrimoniais e torna-se freira. Eliduc e a princesa vivem longos anos felizes e na maturidade, resolvem amar somente a Deus e tornam-se padre e freira, respectivamente. (“Eliduc”, *Lais de Maria de França*, 2001).

Feita a leitura global de cada lai em sala de aula, e a leitura aprofundada em casa, a próxima aula será o momento da pós-leitura.

b) Pós-leitura

Por conseguinte, baseando-nos em estudos atuais sobre a importância da recepção na apropriação do texto literário, percebemos os alunos como sujeitos-leitores capazes de desenvolver competências para além do ato de ler propriamente dito. Nessa etapa, consolidamos a receptividade do estudante com o texto lido e o incitamos a um encontro subjetivo entre sua interpretação de leitura e aquela sugerida⁹ pelo autor, tomando como exemplo, nesta pesquisa, a *Escrita da Variação/Recepção*, fundamentada por Larrivé e Le Goff (2018) que consiste no reconhecimento de um “sujeito-escritor” enquanto leitor, que produz e transforma textos a partir de sua memória de leitura literária.

a. O Amor e o Maravilhoso em “Desiré” e “Guingamor”

1. Quais fatos podemos perceber nos lais citados que nos levam a classificá-los como “maravilhosos”?
2. Qual ou quais representações do amor feminino os lais acima contemplam?
3. Leia silenciosamente as passagens abaixo, inicialmente com o olhar no personagem masculino. Em seguida faça uma releitura com o olhar no personagem feminino.

“Enquanto cavalgava na direção da capela, deu com os olhos numa donzela vestida de púrpura escura e com uma bonita camisa. A cor da pele era um lindo tom de rosa, e tinha o corpo gracioso e bem modelado. Estava sem touca, com os cabelos soltos, e andava descalça pelo chão coberto de orvalho. Chegara junto a uma fonte que brotava debaixo de uma grande árvore, levando nas mãos duas bacias de ouro. O cavaleiro não se portou como vilão; desmontou e a cumprimentou, quis fazer dela sua namorada.

Fê-la deitar-se sobre a relva fresca. Acho que ele estava a ponto de tocá-la quando ela lhe clamou mercê: — Cavaleiro, sai daí! Nada ganharás desonrando meu corpo. Não cometas nenhuma falta, deixa-me em paz por, favor. Eu sirvo uma donzela, neste mundo não há mais bela; em breve eu farei com que a vejas. Se puderes, trata de impedir que ela escape de ti, por coisa alguma que ela te diga. Se fores amado por ela nada te faltará. Terás bastante ouro e prata à tua pronta disposição. Não cuides que eu esteja mentindo; e se ela não te agradar, podes contar comigo, farei tudo que te dê prazer.”(Desiré)

“— Amigo, não sejas tão esquivo; é a mim que deves amar, nada de recusas; pois te amo de coração e amarei por toda a vida. (...) — Não falo de amor nesse sentido; quero amar-te como meu amante, e que eu seja tua amante. És belo, eu sou gentil; se dedicares teu empenho a amar-me, muito poderemos nós dois aproveitar. Ela o puxou para si e beijou-o. Guingamor entendeu o que ela dizia, e que espécie de amor solicitava; sentiu vergonha e enrubesceu. Afastou-se contrariado, quis sair do quarto. A dama tentou retê-lo segurando-o pelo manto, cujas presilhas acabaram se rompendo.”

“Guingamor seguiu a donzela; depois de a erguer e colocar sobre a sela, montou em seu cavalo e tomou as rédeas. Decoração alegre, várias vezes voltava os olhos para ela, vendo-a tão bela, esbelta e gentil. Decidiu tudo fazer para que ela o quisesse como amante. Olhou-a com doçura e pediu que lhe concedesse seu amor. Nunca antes se perturbara seu coração por mulher alguma que visse, nem das aflições do amor jamais cuidara. Ela, muito sensata e educada, deu a entender que o amaria de bom grado, contentando com isso o cavaleiro. Vendo aceito seu pedido, ele a abraçou e beijou”. (Guingamor)

Para o autor, as passagens acima representam situações amorosas. Em sua opinião, as situações vividas pelas personagens representam o amor medieval? Quais aspectos históricos-sociais da condição feminina as passagens retratam? Que diferenças amorosas percebem-se nas passagens acima?

b. O amor e a morte em “Dois Amantes” e “Yonec”

4. Em sua opinião, a morte dos personagens simboliza a consolidação do amor? Explique.

5. *“Outrora ocorreu na Normandia uma aventura muito falada, sobre dois jovens mal saídos da infância que se amaram. (...) O amor era para ele causa de muita aflição. (...) A donzela se preparou; submeteu-se a privações e jejuou e emagreceu para ficar mais leve, pois pretendia ajudar seu amigo. (...) Em grande agonia completou o percurso, terminou a escalada. Tanto se exaurira que ali tombou. Partiu-se o coração dentro do peito. (...) Deitou-se estendida a seu lado, tomou-o e apertou-o entre os braços, repetidas vezes beijou-lhe os olhos e a boca. O pesar por ele tocou-a no coração: ali morreu a donzela, que fora tão prendada e sábia e bela”. (Dois Amantes)*

Essa passagem retrata uma representação do amor bastante explorada pela literatura. De acordo com sua memória literária, quais outras obras que você lembra, se assemelham a esse lai?

6. Após a leitura dos lais acima, você mudaria algo na história? Comente.

c. O amor mítico-religioso em “Eliduc”

7. *“viveram juntos muitos dias, houve entre eles um perfeito amor. (...) cada um deles se esforçava e fazia muita penitência para amar a Deus na perfeição da fé, e tiveram muito belo fim pela mercê de Deus, o mestre verdadeiro!” (Eliduc)*

A autora utiliza dois exemplos de “amor perfeito”. Em sua opinião, essas representações

amorosas são convergentes? Elas representam o ideal medieval-amoroso?

8. No lai estudado vemos que a primeira esposa do cavaleiro pede que o valete mate uma doninha para obter uma flor mágica da ressurreição, salvando a segunda esposa. Logo após, a Dama decide tornar-se freira. Essa passagem reflete qual dualidade medieval?

9. *“Dama, nasci em Logres, filha de um rei da região. Muito amei um cavaleiro, Eliduc, o bom capitão. Ele levou-me embora consigo. Cometeu um pecado, enganando-me: tinha esposa, não me disse nem jamais me deu a entender. Quando ouvi falar de sua mulher, desmaiei da dor que senti. Deixou-me miseravelmente desamparada, abandonou-me em terra estranha. Ele me traiu, não sei o que me resta. Louca é a mulher que crê em homem!”* (Eliduc)

Qual representação amorosa a autora quis transmitir? Comente.

d. Questões gerais sobre os lais estudados

10. O que você conclui sobre a representação feminina contida nos lais? Essas condições condizem com a realidade medieval? Justifique sua resposta.

11. Quais as consequências do amor retratadas nos lais? Existem diferenças entre as representações amorosas escritas anonimamente pelos Bretões e aquelas escritas por Maria de França? Se sim, quais?

12. Qual era a função social dos lais? Quais reflexões os autores provocam em você como leitor? Existe uma mensagem universal comum em todos os lais? Se sim, qual?

13. Os aspectos simbólicos do amor contido nos lais apresentados perduram até hoje? Em sua opinião, qual a importância do gênero para a representação do amor romântico que conhecemos hoje? Explique.

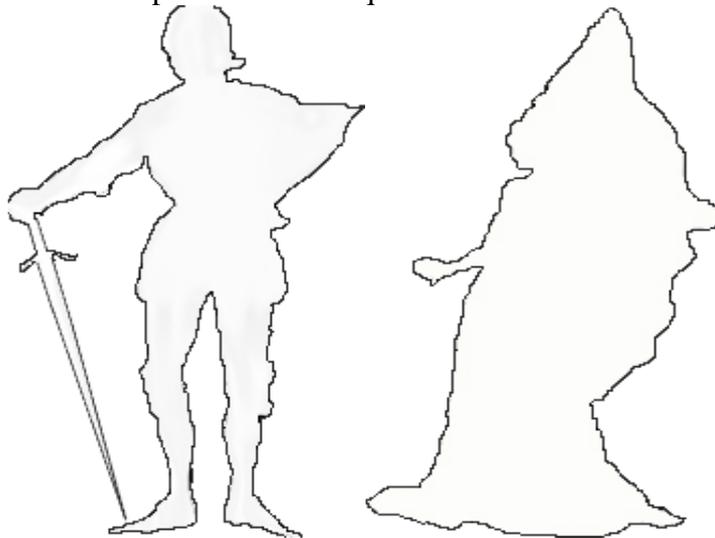
14. Em sua opinião, até que ponto os lais são relevantes para o ensino de cultura e literatura medieval francesa? Comente.

15. Os elementos contidos nos lais nos aludem aos estereótipos franceses que conhecemos atualmente? Se sim, quais?

16. Descreva fisicamente as damas e os cavaleiros apresentados nos cinco lais.

17. Reintitule os lais estudados. (Esta pergunta incita o sujeito-leitor a apresentar a síntese de sua compreensão da história lida.)

18. Liste nas figuras abaixo, substantivos e adjetivos (palavras e emoções) que lhe vem à memória a partir da leitura que você fez dos lais estudados.



19. Escolha um lai estudado e recontê-o através da perspectiva de uma personagem feminina. Não leia novamente o lai escolhido, utilize sua memória de leitura para desempenhar a tarefa pedida. Compartilhe oralmente com os colegas sua versão do lai.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou oferecer uma alternativa aos currículos disciplinares de literatura medieval, por vezes engessado em obras literárias distantes do conhecimento de mundo do aluno e futuro professor de FLE. Nesse sentido buscamos através da temática universal do amor, introduzi-los ao medievo e a um gênero pouco difundido no curso de Letras francês da UFPE. Procuramos também averiguar uma possível relação entre o Amor Cortês disseminado pelos lais, e os conceitos pré-estabelecidos dos estudantes em relação à cultura francesa. Respondendo a pergunta sobre quais representações sociais do amor feminino na Idade Média os lais transmitem, concluímos que a reputação de uma França romântica advém da sedução cultural francesa construída pelos valores do Amor Cortês, o *fin'amor* occitano, de rigorosas regras sócio-amorosas praticadas pelos nobres.

A fim de alcançarmos nossos objetivos específicos, analisamos inicialmente o gênero lai e posteriormente, os 23 lais contidos nas obras *Lais dos Bretões* (2013) e *Lais de Maria de França* (2001) e suas respectivas representações amorosas, depois delimitamos nossa pesquisa para a figura feminina e sua representatividade, ou seja, como o amor feminino era visto na sociedade da época. No tocante ao terceiro objetivo, e respondendo ao nosso questionamento acerca de quais as possíveis implicações dos lais para o ensino do FLE, elaboramos uma proposta didática com atividades que questionam não só a subjetividade do aluno para com o tema, como também sua historicidade cultural.

Terminamos esta pesquisa entendendo que, apesar da disciplina de Literatura Medieval apresentar um conteúdo de leitura mais denso, essa dificuldade linguística pode ser superada introduzindo um gênero pertencente ao medievo, porém mais próximo da memória de leitura dos estudantes-leitores, habituados desde a infância com a leitura dos contos de fadas. Por fim, consideramos que nossa pesquisa contribuirá para que tanto os professores de FLE quanto os futuros docentes vislumbrem outras alternativas literárias referentes à época, e possam trabalhar as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura de forma a despertarem o interesse pela Idade Média Francesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÔNIMO. 2013. *Lais dos Bretões*. Tradução de Antônio L. Furtado. PUC-Rio. Rio de Janeiro.
- BAUER, M. W., GASKELL, G. 2002. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes. Petrópolis.
- CUQ, J-P., GRUCA, I. 2017. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Presses Universitaires de Grenoble. Grenoble.
- FRANCE, M. de. 2001. *Lais de Maria de França*. Tradução de Antônio L. Furtado. Editora Vozes. Petrópolis.
- GIASSON, J. 1990. *La compréhension en lecture*. De Boeck Université. Bruxelas.
- JODELET, D. 1984. Representação social: fenômeno, conceito e teoria. In *Psicologia Social* (MOSCOVICI, S.). PUF. Paris, p.357-378.
- _____. 2015. *Représentations sociales et mondes de vie*. Les éditions des archives contemporaines. Paris.
- LARRIVÉ, V., LE GOFF, F. 2018. *Le Temps de l'écriture : Écritures de la variation, écritures de la réception*. UGA Éditions. Grenoble.
- PRETTO, Z. e al. 2009. Um olhar sobre o amor no ocidente. *Psicologia em Estudo*. Maringá, V.14, N°2, abr/jun, p. 995-403.
- ROSENFELD, K.H. 1992. Figuras do amor medieval. In *O amor na literatura* (SCHULER, D.). Editora UFRGS. Porto Alegre.

ROUGEMONT, D. 1988. *O Amor e o Ocidente*. Editora Guanabara. Rio de Janeiro.

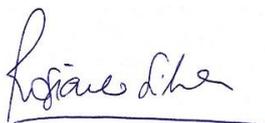
DIFICULDADES ENCONTRADAS

O não acesso a universidade devido à pandemia do Coronavírus.

ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELO ALUNO

1. Graduanda na disciplina Estágio curricular em Francês III
2. Graduanda na disciplina Trabalho de conclusão de curso I
3. Graduanda na disciplina Introdução à mitologia Greco-romana
4. Monitora da disciplina Cultura dos povos de língua francesa I

Recife, 02 de julho de 2020.



Data e assinatura do orientador

Recife, 02 de julho de 2020.



Data e assinatura do aluno